

## ENTREVISTA<sup>1</sup>

### ZENITA CUNHA GUENTHER: FILOSOFIA, PSICOLOGIA E EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE DOTADOS E TALENTOSOS NO BRASIL

**RESUMO:** Nesta entrevista, o leitor encontrará o olhar singular e dinâmico da renomada psicóloga Zenita Guenther sobre o trabalho que ela desenvolveu em prol da educação de crianças e jovens dotados e talentosos no Brasil.



**Professora Dr.ª. Zenita Cunha Guenther**

É doutora em Psicologia da Educação e mestre em Orientação e Aconselhamento Psicológico pela Universidade South Florida. Há 40 anos vem se dedicando à pesquisa em Educação Especial para Dotados e Talentosos e à formação de professores em todos os níveis de ensino. Autora de 23 livros e mais de cem artigos publicados no Brasil e no exterior. Professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Idealizadora do Centro para Desenvolvimento do Potencial e Talento (CEDET), que fundou, em 1993, em Lavras, Minas Gerais, desenvolvendo atividades visando a estimular o talento em milhares de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Orientadora e consultora para implantação de mais CEDET'S pelo Brasil.

**Entrevistadoras:** Rosemeire de Araújo Rangni, Josilene Domingues Santos Pereira e Fabiana Oliveira Koga.

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida às professoras Rosemeire Rangni (UFSCar), Josilene Domingues (IFBA) e Fabiana Koga (FAIP), em dezembro de 2020.

**Fabiana Koga: O que motivou a senhora a realizar suas pesquisas na área da dotação e do talento em uma perspectiva de identificação mais educacional do que psicométrica?**

**Zenita Guenther:** Várias motivações se entrelaçaram, mas eu acho que a principal veio de minha filha, a Louise. Quando a minha filha tinha quatro anos, falava duas línguas, começou a ler em duas línguas, porque meu marido é americano e eu, brasileira. Nós morávamos na Flórida. E assim eu procurei a Universidade do Sul da Flórida, para ver o que podia ser feito com aquela criança e me envolvi lá com o grupo de Dorothy Sisk. Dorothy me pediu para ajudar no seu Programa, que funcionava aos sábados na Universidade. E aí eu comecei a estar lá, fomos estudando e trabalhando juntas. O primeiro passo foi dado assim pela Louise.

Meu contato anterior a esse foi com a Dona Helena Antipoff. Dona Helena estudava os mais capazes justificada por uma dívida que ela tinha assumido por ter se dedicado muito tempo ao estudo da deficiência. Aí quando começaram a perguntar a ela sobre o que faltava fazer, pois já havia a Pestalozzi, que forma professores, já tinha as APAEs, então os meninos estavam bem atendidos, eles tinham e têm chance de educação em qualquer lugar do Brasil onde nasce uma criança com deficiência. Mas não havia chegado do outro lado, ou seja, do lado daqueles que têm potenciais superiores. Ela, então, me chamou e disse: "O que é que nós podemos fazer?". Inicialmente fizemos um Seminário e, desse evento, a Dona Helena fez o que ela sempre fazia e é o que eu aconselho a fazer: Procurem as crianças com potencial superior. Então nós pedimos aos pais que levassem as crianças para que pudéssemos observá-las. Depois disso, as escolas começaram a participar. E começamos na Fazenda Rosário com as crianças locais, em Ibirité. Naquela época, a região era uma área semirural. Ah! Esse trabalho, foi aumentando em mim a curiosidade para estudar a inteligência. Eu sou fascinada com a inteligência humana, cada vez que eu leio que tudo que você faz com sucesso, setenta por cento ou mais depende da inteligência. E, então, nós começamos a estudar a inteligência.

A minha primeira pesquisa, de fato, ocorreu quando eu estava nos Estados Unidos fazendo a minha tese de Doutorado. Todo mundo tem que passar por isso e eu acho que é ritual de passagem e tem que passar. Fui para a Flórida, procurar o Arthur Combs, que era um educador humanista, estudioso da teoria humanista, eu queria estudar o que achava importante. A Dona Helena também era humanista, mas não era essencialmente teórica, e o Combs era. Então fui estudar o que era importante saber. Nesses estudos, eu fiz a minha tese de doutorado envolvendo crianças mais capazes de classe pobre, muito capazes e muito pobres, comparadas com crianças menos capazes de classe pobre, crianças muito pobres e com pouquíssima capacidade. Ah! Foi ótimo. A comparar extremos ninguém erra. Aí fiz uma tese boa, ficou aí, nunca foi publicada. Muitas pessoas já pensaram em publicar, mas eu não mexo muito no que eu faço, não. Fiz, está feito. Partimos para outro estudo: nesse estudo, comparando esses dois grupos, notei semelhanças muito claras, a meu ver, tenho até escrito sobre isso, em um desses últimos artigos que eu fiz lá para a Universidade de La Laguna, em Tenerife. O maior peso, talvez, esteja mesmo na distribuição social, na capacidade econômica, quer dizer, a capacidade da pessoa se desenvolve muito perto da sua faixa econômica, outra vez, os meninos que têm mais dinheiro, mais condições, mais viagens, mais livros e etc., desenvolvem duas vezes mais em comparação àqueles que não têm. Daí a minha escolha por trabalhar com a criança pobre. Não é bondade do meu coração, não. É porque ninguém está ligando muito para eles, eles não aparecem nos testes. A primeira diferença por teste, o QI, então, é de cara. Quem quer seguir QI, siga. Cada um vai para aonde quer, mas que ele não nos ensina nada, ele não ensina não. Então (risos) você começa a ver aquelas crianças naquelas escolas ruins, a família não tem nada em casa... No Rosário, eu fiz outro estudo, um dos primeiros com as crianças da vizinhança, no Canal de Ibirité, ainda na época em que eu morava lá. A pergunta era: você tem livros em casa? As crianças respondiam: Tenho sim. Todo mundo tinha livro em casa. Mas quando eu perguntava que livros ela tinha em casa, aí se descobre que os livros que tinham em casa eram aqueles que alguns religiosos dão:

folhetos sobre Deus e tal. As crianças guardavam esses folhetos como se fossem enciclopédia, um amor que tinham para ter livros! Então resolvemos fazer uma campanha e ganhamos tanto livro que todo menino que quis algum livro, levou para casa.

Em seguida, eu fiz aquele estudo sobre as meninas, em que as perguntas eram: *Como você vê o futuro? O que você espera do seu futuro?* Invariavelmente as meninas mais capazes diziam eu quero estudar Medicina ou Engenharia, mas houve um detalhe interessante, quando você separa por gênero, a menina dizia: "Provavelmente, eu não vou ser médica". Então não sei, talvez uma boa professora, talvez faça Ciências". Quando essas perguntas foram feitas para os meninos, eles sempre respondiam: "Eu vou ser médico ou engenheiro". E muitos foram mesmo. É por isso que eu não gosto muito das teses que eu leio que ficam lá redundando em cima dum pontinho teórico cinquenta páginas, quando chega na hora de ver o que fez como pesquisa, só há quatro páginas. Eu acho pouco proporcionalmente para o que você vai aprender. A minha experiência é que você aprende quando você vai lá no real ver o que está acontecendo e ainda acredito nisso até hoje. Todo lugar onde eu fui, eu aprendi vendo, observando e, muitas vezes, não era nem observando, era perguntando mesmo, xeretando e, infelizmente, nós não podemos ter essa liberdade enquanto estudando, ou na Academia, quer dizer é um pouquinho mais difícil e mais superficial.

**Josilene Pereira: Doutora Zenita, a senhora tem enfatizado a importância de observar a criança. Como fazia suas pesquisas usando a observação como procedimento metodológico?**

**Zenita Guenther:** Eu fazia anotando. Ciência se faz com anotações e registros. Guardar de cabeça modifica o seu dado. Escreva, escreva, faça uma pequena estatística de medidas centrais, média e mediana e já dá para você ver onde é que estão as crianças. Aí você pode partir para os porquês, mas não hipotetizem os porquês antes de estudar a teoria, que é outro erro. A pessoa começa a colher dados, e já fala: Ah isso é por causa disso, disso e disso. Se a pesquisa é tão óbvia assim, não precisa ser feita, né? Então não vai fazer essa, vai fazer uma que você não tem o porquê tão claro. O porquê tem que vir de estudos e aí se você conseguir: primeiro ter uma massa de dados que te interessa, segundo, ter algumas perguntas boas sobre aqueles dados, aí você vai estudar e perceber que a teoria faz mais sentido para você, você espreme o que a teoria não respondeu e aí está a sua pesquisa. Se pensar bem, o método científico também é isso e foi assim que eu agi para poder fazer pesquisa sem dinheiro. Nunca gastei muito dinheiro com pesquisa, nunca tive dinheiro e nunca ganhei. Meu único projeto de pesquisa financiado, não único, são uns dois ou três, mas o primeiro, com certeza, foi quando já estava na UFLA (Universidade Federal de Lavras), foi financiado pela FAPEMIG. O projeto de pesquisa focava a identificação dos mais capazes. Eu fui estudar precisamente a identificação. A melhor maneira de identificar os mais capazes é olhar a criança em observação direta, não tem outra, não há um teste que substitua a observação direta. Não há uma entrevista com o pai, mãe, avô, professor, lixeiro, quem for, que substitua o seu olhar para a criança por pelo menos duas horas com olhos firmes, neutros, olhos abertos e boca fechada, pois a criança vai mostrar o que ela faz, o que ela quer, do que ela gosta. E esse tem sido o meu método de estudar a criança ainda até hoje: olhando. Leva tempo? Leva. O olhar bem afinado que eu já tenho, já consigo em três horas, em horários diferentes, ter uma configuração bem clara sobre o que a criança trouxe aqui para mim como problema. Não faço aqueles estudos muito longos, não, porque também não adianta você espalhar muito sua coleta, e não trazer em sumário nada concreto.

**Fabiana Koga: A senhora é fundadora dos CEDET(s). Que balanço a senhora faz desse trabalho e qual o impacto gerado na vida das crianças e dos jovens que participaram e participam desse projeto? A senhora tem informações sobre isso?**

**Zenita Guenther:** Não tanto quanto eu preciso e gostaria de ter tido. As informações ainda chegam muito pelas falas dos pais, das famílias, das próprias crianças e adolescentes, oralmente. Atualmente, eu tenho mais contato com os pais, sou mais frequente na Associação de Pais. Como eu sou membro, quando posso, vou à reunião e há os dados assim, as opiniões são muito positivas, elas acham e a criança dá razão: Os pais falam: Ah! Mas ninguém nunca perguntou meu filho o que que ele queria aprender! E, no CEDET, ele viu que assim é melhor, porque ele aprende mais. Oh, gente, o que que custa um professor perguntar a uma criança o que ela quer aprender? Há algumas pesquisas sérias sobre esse tema. A professora Rosemary Santos, de Assis, em São Paulo fez um estudo precisamente assim: Que efeito tem o CEDET sobre quem já deixou o centro há pelo menos cinco anos? Então, ela não estudou as crianças que estão participando agora. Procurou trinta ou quarenta meninos e meninas e fez uma entrevista sobre como é a vida deles hoje, para ver se eles mesmos iriam relacionar a vida atual com o CEDET. Os resultados são bons. Eles falaram muito sobre as experiências por quais passaram no CEDET, agradeceram muito também, porque, na visão deles, o CEDET proporcionou mudanças na vida deles.

**Fabiana Koga: Qual a principal diferença do trabalho do CEDET para o desenvolvimento da dotação e do talento humano?**

**Zenita Guenther:** No CEDET, um dos nossos segredinhos é o Plano Individual de Trabalho (PIT). A Joan Freeman me disse: "Ninguém faz isso! É muito trabalhoso". Oh! Viver dá trabalho! O PIT é feito duas vezes por ano com a criança e o seu orientador. É um processo de, pelo menos, três sessões. No primeiro encontro, discute-se com a criança sobre o que ela fez no semestre anterior. Se for uma criança que acabou de chegar no CEDET, perguntamos o que ela fez no fim do ano, na escola. Faz-se o registro do que a criança disse que fez, porque ela dá, geralmente, muita informação, fala muito e a lista fica muito grande, o que é bom! Em seguida, o orientador busca aprofundar um pouco mais, destacando as coisas que ela mais gostou de ter feito, em que ela mais aprendeu. No segundo encontro, procura-se ver a lista novamente, priorizando os temas citados e que ela ainda quer aprender, quer explorar, quer dar um passo maior. Aparecem outras ideias também. De tudo o que foi registrado na lista, assim revista, passa-se para uma fase de seleção das cinco ideias preferidas apontadas pela criança. Não se deve planejar muitos projetos e estudos, porque só há um semestre, e ela pode não dar conta de fazer tudo. O orientador ajuda o aluno a calibrar o que ele tem de tempo para formar o plano, se o menino joga futebol, faz Karatê e já faz várias atividades extracurriculares, terá vários dias da semana ocupados. Deve-se fazer o PIT que caiba, por exemplo, nos dias em que ela estará no CEDET. É de suma importância fazer o plano e segui-lo. Assim, esse plano é feito com a criança nessas três etapas. Depois disso, avalia-se o plano em desenvolvimento por um mês e, se houver necessidade, modifica-se o plano inicial. E no terceiro encontro, fecha-se o plano com a criança. Depois de um mês, não pode mais mudar, pois, ela tem que aprender uma coisa também: planejar e cumprir o planejamento. Aqui no Brasil, nossa cultura latina, de um modo geral, é ótima para planejar, mas não é muito boa em ação para cumprir o plano. Então, com a criança no CEDET, age-se mais no propósito de cumprir o plano, orientando a criança, e o papel do orientador é calibrar as ações da criança, o tempo que ela tem, o que está faltando fazer, portanto cada aluno tem um orientador dentro do CEDET e ele faz com ela o plano. Durante um mês, os dois conversam sobre o plano semanalmente. No fim do semestre, avaliam o que ficou para fazer e decidem

sobre a continuidade do plano, ou sobre algo novo em que a criança mostre interesse. Adiciona-se o novo interesse da criança, mas não se pode tirar nada do que ela pôs no plano. Tem que realizar o que foi planejado. E a avaliação é feita nessas bases. Dá trabalho fazer esse plano. Acho até que tem dado menos trabalho, porque a equipe está mais preparada, uma vez que permanece o orientador com a mesma criança e ele também vai aprendendo sobre ela. A Joan Freeman diz que ninguém faz isso, mas nós, no CEDET, conseguimos fazer. E outra coisa: não se deve fazer planos para um tempo muito longo, por exemplo, um ano ou dois. Semestre é bom, e é o ideal para nós, pois coincide com a escola, tem as férias para dar uma sedimentação e faz-se o plano do outro semestre. É uma rotina boa, documentada, tudo escrito, o orientador da criança tem a sua pasta com todos os documentos. Não vamos confiar que a criança guarde papéis, porque ela não vai guardar, provavelmente vai perder lá pelos cadernos da escola. Se você pensar, a palavra orientador, significa o que sabe o oriente, o caminho. Então sua posição é mostrar o caminho para a criança.

**Josilene Pereira: Como a doutora Zenita casou a psicologia humanista com a área da dotação e do talento? Como elas se enlaçaram no seu trabalho e qual a importância desse entrelaçamento da psicologia humanista com a educação?**

**Zenita Guenther:** Eu acho que a psicologia perde muito tempo colhendo dados ao redor da criança.... Eu fiz o curso, estou falando de uma coisa que eu conheço. A psicologia tem muita timidez de chegar a um ponto. E isso me incomodava desde quando eu comecei a fazer o curso nos Estados Unidos, na Universidade South Florida. Então, na educação, eu vi a utilidade da Psicologia Humanista para poder ajudar os professores a entenderem a criança, muitos estudiosos não pensam nisso. Todo mundo fala que é preciso “entender o aluno” e passa a leitura de um livro para o professor sobre método. Mas é preciso entender o aluno agora, e não há um estudo com os alunos que estão ali, e é isso que eles têm que entender. De modo que, quando eu voltei para o Brasil, com a ideia de que, dentro da orientação humanística, e também da primeira ação de Dona Helena, precisava chamar as crianças para conhecê-las. A dona Helena sempre teve o que ela chamava de laboratório de Psicologia, onde quem queria fazer teste podia fazê-lo, mas quem não queria responder aos testes, não os fazia. Nós ficávamos ali discutindo os casos e esses eram os nossos melhores momentos, quando nós conversávamos sobre uma criança concreta que todo mundo conhecia e juntávamos as informações para poder planejar o trabalho com a criança. No CEDET, se eu começasse fazendo reuniões para discutir quais são as teorias, o que o fulano falou para o beltrano, e tal, eu não teria saído disso. Nossa vantagem, no CEDET, é ter um pouco de liberdade.

**Rosemeire Rangni: E do ponto de vista socioemocional, para crianças e adolescentes dotados e talentosos, qual o papel da Psicologia?**

**Zenita Guenther:** O papel da Psicologia é fornecer os meios efetivos de conhecer o outro. Para mim, a Psicologia é isso. Então se o teste ajudar, use o teste. Ele não me ajuda, eu não o utilizo. O mais importante é conhecer a pessoinha com quem você vai trabalhar. Quando eu fui para a Europa, conheci um dos poucos programas dentro da Universidade que tinha criança, além de curso, apostila, seminário. Na ocasião, havia mais ou menos 30 crianças com quem eles trabalhavam, e vi o que eles faziam junto com os estudantes da universidade. É difícil ter continuidade, porque, quando acaba o semestre, o estudante vai fazer outra coisa, mas a criança não. Para ela, muda tudo, porque vem outra pessoa e isso é um problema a ser contornado. Eu não penso em algo socioemocional, porque eu fico vendo uma pessoa na minha frente. Dona Helena Antipoff falava assim: “Eu nunca consegui pensar a inteligência a não ser na pessoa inteligente”. Então, eu não consigo pensar em socioemocional sem uma pessoa que

sente e age. O Gagné recebe críticas, desde que eu o conheço, por causa da preocupação também que ele tem com o sistema decimal, quer dizer, 10% de incidência. Mas é para facilitar as análises e pesquisas, a questão metodológica positivista, mas ele nem precisava muito ter essas análises numéricas tão definidas. Na verdade, ele é comportamentalista. Ele disse que agora só acredita no talento acadêmico. Eu acho que é porque ele não lida com a criança, com o adolescente, ele lida com alunos de pós-graduação, é o mais perto que ele chegou da realidade humana. Pessoalmente, assim, olhando de perto é até engraçado, porque ele conta casos da filha, quando tinha 6 anos.

**Fabiana Koga: Como a senhora descobriu o professor François Gagné? O que a levou a teoria da dotação e do talento desse teórico canadense?**

**Zenita Guenther:** Eu conheci primeiro os escritos de Gagné e foi justamente a explicação dos domínios que me deu algumas respostas, porque é muito difícil a identificação da criança mais capaz. A definição de capacidade é muito vaga e, quando eu comecei a ler o Gagné falando sobre capacidade não só na inteligência, mas em outros tantos domínios, pensei: “É essa a resposta”. Na teoria que ele propõe, o Modelo diferenciando em Dotação e Talento, há sinais, pistas, que indicam a capacidade demonstrada. A posição do acaso também é muito interessante. Ele definiu o acaso como aquilo que tem a mesma probabilidade de acontecer ou de não acontecer. Ele coloca que o acaso tem mais de 80% de influência do ambiente, e argumenta sobre se o que acontecia era de fato por acaso. Mas para que estudar o acaso ao saber que 80% do que acontece não está em sua mão? Quem sabe os olhos se abrem mais para olhar outras coisas além do que você está olhando. Esse elemento do acaso está muito presente na vida, influencia muito e ele destinou uma área grande no seu modelo para o acaso. Ele é até um pouco criticado, porque destinou uma porcentagem tão alta para o acaso e, sendo assim, tudo é acaso, mas me parece verdade. Antes dele já se falava que dois grandes fatores formadores da pessoa são por acaso: a sua hereditariedade, ou seja, a carga genética e o ambiente no qual a pessoa é criada. Eu acredito nesse fundamento e também defendo que o acaso tem força sobre o que acontece com a gente. Nós lidamos com isso o tempo todo na vida. Comecei a ler os artigos dele e gostei. Escrevi uma carta e mandei para a Universidade de Montreal, no Canadá. Ele me respondeu imediatamente. Quando eu comecei a contar sobre o trabalho no CEDET, eu tinha até vergonha, porque as pessoas não acreditavam, porque é fácil defender e difícil fazer. Mas para se defender, primeiro tem que se fazer.

**Rosemeire Rangni: Doutora Zenita, François Gagné tem produzido alguma novidade sobre o Modelo Diferenciado de Dotação e Talento, o DMGT?**

**Zenita Guenther:** Ele começou, não sei se é impressão minha, a aglutinar os domínios e, a meu ver, é melhor considera-los especificamente, para identificar as crianças. Essa distribuição em domínios ajuda muito, porque o conceito de capacidade é muito amplo para a gente captar. Agora se é uma capacidade em uma área ou duas ou três, já fica mais fácil de localizar, nas expressões observadas.

**Rosemeire Rangni: E a ciência não tem dono, não é doutora?**

**Zenita Guenther:** Não tem, não tem dono, não tem pátria. Perdeu-se um pouco nessa competição meio capitalística entre teóricos. O que nós queremos fazer com os nossos estudos? E é isso que a Educação tem a responder. Um dos princípios, no Centro de Desenvolvimento do Talento (CEDET), é “colaborar é superior a competir” e esta é a minha filosofia. Não há ideias de fulano ou beltrano, elas não precisam ser suas, basta que sejam boas. O tempo é o melhor juiz e vai dizer qual a linha de pesquisa que deu fruto, e o que não deu.

**Rosemeire Rangni: E a Ciência tem que prestar serviço a todo mundo. O produto dela tem que servir as pessoas...**

**Zenita Guenther:** Ela é neutra, o conhecimento é neutro. Agora se existe um conhecimento e se tem medo que os outros o roubem, isso não é grande coisa (risos), porque o conhecimento está em sua cabeça, mas não pertence a você. O que se pode fazer com ele, talvez sim. Escrever um livro, fazer uma experiência, criar alguma coisa e aí quem julgará é o usuário, aquela pessoa que vai utilizar o estudo e aplicá-lo. Se for bom, ele crescerá e dará frutos. É por isso que eu tenho certo medo dos instrumentos de medidas de inteligência, e tal, porque são mais uma camisa de força do que asas para você voar. A meu ver, se os instrumentos forem o começo para o estudo, nada contra, mas não se deve parar aí, porque é um pouquinho curto para ajudar a causa de um modo geral. Qual é o seu objetivo? Não o perca de vista: Nós queremos achar, encontrar, localizar aquelas crianças que precisam mais de educação, e de educação diferente do que a escola dá. Vamos chamá-los, então, de mais capazes, um nome mais flexível. Para que medir a capacidade de um e de outro e declarar que A é mais capaz do que B, que é mais capaz do que C? Não há muito interesse nisso. O interesse é saber do que cada um precisa mais, e é justamente nesse ponto que deve entrar o educador: para localizar o que ela necessita, e onde a criação está. Quem guia todo o processo é a própria criança. É tão simples que eu nem compreendo porquê isso fica complicado, as pessoas começam a criar cerquinhas, e cercadinhos para estudar a criança que não são necessários, no meu ponto de vista. Acredito mesmo, na Dona Helena Antipoff: "Todo ser humano é capaz de aprender", portanto se o mais limitado desse mundo aprendeu a olhar em uma direção, aprendeu alguma coisa. Se a pessoa mais inteligente criou uma coisa maravilhosa que pode ajudar muita gente, ela também aprendeu. E a nós, educadores, interessa essa aprendizagem para a gente poder entender como é que ela pode ser cultivada, e repetida, se for o caso.

**Rosemeire Rangni: Tanto tempo estudando a teoria do François Gagné, em poucas palavras, como a senhora vê a capacidade humana?**

**Zenita Guenther:** Não é clara a separação em domínios, a capacidade, é bem complexa e o talento é a expressão dessa capacidade complexa que está lá dentro da gente e ela sai como pode, como uma fonte que jorra. Então a gente vê só a água caindo, mas não vê o que está reservado lá e como está sendo criado lá dentro. Eu gosto de pensar que o talento é visível e a capacidade não é, porque você vê o talento e você vê a falta dele também, infelizmente, até mais rápido, mas há que haver a capacidade para que apareça o talento: não há um talento pendurado no ar (risos) tem que haver essa capacidade, essa fonte para o talento se expressar. Isso me ajudou muito a compreender a capacidade humana, porque pode-se ter a capacidade e nunca fazer nada com ela, mas você não pode fazer alguma coisa se não tem capacidade para isso. Tem que ter. Isso é óbvio. Tem que haver lá dentro a capacidade interna, largamente hereditária. O Gagné sofisticou demais os tais porões da capacidade. Para mim, basta saber que a pessoa tem dentro dela uma fonte de poder, a que nós chamamos de capacidade: poder para aprender, para fazer, para agir, para pensar, para tomar decisão.... Vocês viram quantos verbos eu falei? Então é muita coisa, muitos ângulos para se ver a capacidade, e essa ideia me ajuda a entender esse todo complexo que é a capacidade humana. Percebe-se a falta dela, é óbvio, e é nesse sentido que fica claro que ela existe, e que se pode desenvolver pelo estudo com as crianças. O aprendizado é proporcional à capacidade: quem tem mais capacidade, aprende mais, e mais depressa. Não tenho dúvida disso. Quem tem menos capacidade, aprende menos e mais devagar. Relacionar esse conceito com a educação ajuda muito, e você aprende a esperar da pessoa do aluno aquilo que pode ser esperado dela, nem menos e nem mais.

**Josilene Pereira: Considerando toda a sua trajetória, toda a sua história na área de dotação e talento, pode nos relatar algumas ações que já foram implantadas na região nordeste em prol do atendimento às alunas e aos alunos dotados e talentosos?**

**Zenita Guenther:** Então, oficialmente, a Bahia sempre teve alguma coisa. Eu acho interessante como é que nós temos memória tão curta. A Fundação José Carvalho, por exemplo. José Carvalho foi um mineiro e engenheiro que ficou rico na Bahia, explorando minério. Ele queria fazer alguma coisa pelo Nordeste, que não só ajudasse a cada um individualmente, mas também fosse um celeiro para o futuro, como ele dizia. Nessa ocasião, eu fui chamada daqui de Minas, já estava aposentando, aproveitei e acabei de me aposentar da UFMG e fui para a Bahia. Morei dentro do Internato. Lá nós procurávamos meninos e meninas já adolescentes dotados e talentosos por indicação de várias pessoas - pais, professores. Os psicólogos gostavam de fazer testes e acabavam aplicando, mas eu gostava de olhar os alunos e observar como eles eram. E esses meninos, rapazes e moças, começaram a frequentar a Instituição. A ideia de procurá-los e levá-los para uma Instituição era uma tentativa de amenizar a influência do ambiente. Havia três áreas de concentração profissional: computação, que era novidade na época, mineração e línguas, normalmente o Inglês. A Fundação foi muito boa, eu levei algumas comunicações para o exterior e há várias publicações que valem a pena consultar. Ela funcionou por cerca de 15 anos muito ativa. Mas, com a morte de José de Carvalho, não havia alguém que apresentasse preparo e dedicação juntos para continuar, e a Instituição foi se transformando em uma escola regular de 2º grau. Mas há um passado dela que foi bem documentado e isso vale a pena rever. Outra boa experiência da Bahia foi justamente a Fundação Anísio Teixeira, que fez tanta coisa, além de sua escola em Salvador. A ideia era formar professores. O Anísio Teixeira andou fazendo estudos por bastante tempo, mas é importante ressaltar que a Bahia não desenvolveu um trabalho contínuo nas escolas, diretamente com as crianças. De fato, não houve iniciativa alguma nesse sentido, mas essas Fundações, a José Carvalho e Anísio Teixeira deixaram um bom acervo e prática educacional com pessoas mais capazes. Na Fundação José Carvalho, as crianças e os adolescentes eram escolhidos mesmo a dedo e havia tanta pobreza no Nordeste, que elas não teriam outro recurso para estudar. Alguns estudantes que eu segui na vida vão muito bem até hoje e uns tiveram empregos muito altos, muito elevados. Muitos deles foram para São José dos Campos, Campinas e outros lugares no Sul, principalmente São Paulo. A pergunta que eu gostaria de responder é por que não ficaram na Bahia? O que faltou lá para que eles ficassem e ajudassem a desenvolver o local onde foram encontrados e tiveram oportunidade de desenvolvimento do seu potencial?

**Rosemeire Rangni: Pode-se dizer que, do Nordeste, a Bahia se destacou por meio dessas ações de atendimento aos dotados e talentosos?**

**Zenita Guenther:** Do Nordeste, ficou tudo ali mesmo na Bahia ao redor da Fundação José Carvalho. Houve uma psicóloga que começou por conta própria alguma coisa em Pernambuco, mas ela também não deu continuidade, porque foi para São Paulo. O nosso Programa no Nordeste, na Fundação José Carvalho, assim eu considero, foi desenvolvendo a ideia de sair dali, ou seja, é um lugar para se sair e isso não é bom. Vale a pena ler aquele artigo *O Valor do lugar*, um artigo pequeno, de 80 páginas que mostra que se não há valorização do lugar, a pessoa quer sair dali mesmo. Na hora que sai, não está mais ali. Nós fizemos um estudo em Natal para ir além da Bahia. A professora mineira que morava lá também me chamou e eu passei com eles uma semana na Universidade e imediatamente virou um curso, mas os melhores alunos foram atraídos para Campinas, fizeram mestrado e não houve ações no local. Nos Estados Unidos, onde eu também trabalhei, há maior ligação das Universidades com o sistema público de educação do que você vê no Brasil. Quase você não vê, quer dizer, tem lei, tem decretos, aquela imensa quantidade de papel, mas estar com as professoras e crianças, não há, elas não se sentem acompanhadas

pela Universidade. É um lugar onde é preciso ter ação. Este é o meu conselho sempre: Procure as crianças. Onde elas estão? Geralmente estão na escola, começa, então, por lá. Não é talvez necessário achar uma criança que vai ser um grande isso ou um grande aquilo. É necessário achar o número de crianças que precisam ser ajudadas naquilo que a escola não está oferecendo. Procura os pais de cada criança, procura essas famílias para estarem com você. Se a Universidade der apoio, ótimo. Se não der, você pode fazer, sendo você mesmo aquele apoio. Se você tiver na sala de aula, comece com seus alunos. Se você não tiver em sala de aula, tiver numa escola, comece com os professores. Chama quem quer, porque é quem quer que faz direito. Nada obrigatório. Eu tenho horror das palavras obrigatório e proibido em Educação, eu acho que inibe todo mundo. Você tem que saber aonde que vai, e caminhar naquela direção.

**Rosemeire Rangni: E esse cenário brasileiro? Como a senhora está vendo? Qual é o maior desafio que nós temos nesse atual momento para a educação dos dotados e talentosos?**

**Zenita Guenther:** No cenário maior da educação de dotados e talentosos, estão ... (risos) pintando tudo de novo. A educação, de modo geral, continua com essa preocupação de seguir um teórico, ou seguir outro. Siga a criança, gente! É preciso abrir os olhos e ver a criança. É ela, é nela que está o livro que precisamos ler. Melhorou um pouco aquela grande loucura com autores, mas ainda continua. É necessário ler os teóricos e analisar o que eles escreveram. Depois, é claro, você seleciona o que vale a pena aplicar, e o tempo joga fora aquilo que não vale a pena. Então, estudem! Estudar sempre. Se você estudar e ficar dentro de uma universidade lendo livros e falando deles para os seus alunos universitários, você vai aposentar hoje e amanhã ninguém mais vai lembrar o seu nome. Leia os livros, mas vá para vida, vá para a escola, para as famílias, para os consultórios, e se quiser e tiver condições vá aonde está a vida real da criança, e veja o que ela está fazendo, participe e verá por esse ângulo, e saberá realmente o que está acontecendo.

**Rosemeire Rangni: No mundo, internacionalmente, o que a senhora está vendo? Tem alguma novidade interessante?**

**Zenita Guenther:** Fora da educação tem mais novidade do que na área da educação. Há muitos estudos focando a educação comunitária, por exemplo, a vida comunitária, nos centros de aprendizagem, sendo realizado com as crianças que se sobressaem e eu estou gostando porque não está havendo um adjetivo para a criança, entende? Centrando na vida fora da escola, há muitos meios de encorajarmos os mais capazes. E esses estudos têm revelado isso. Vocês, a propósito, já leram o livro "Sociedade sem escolas", de Ivan Illich, da década de cinquenta ou sessenta, eu acho. Eu estou agora vendo esse homem pensando, 100 anos à frente de seu tempo, e dizendo que a escola não faz falta na vida das crianças, tanto que todo mundo está aprendendo, todo mundo está progredindo sem a escola. Estamos mostrando para a escola o quanto ela estava obsoleta, fazendo coisas sem saber mais o porquê. Quando eu li esse livro, pensei: "esse homem está certo". Eu sempre fui muito crítica da escola com sua burocracia, com a sua rotina, com a sua hierarquia pesada, e o Ivan Illich já pensava isso na década de 50 por aí. E agora, convivendo com uma doença fatal, (a pandemia), ninguém podendo ir para a escola, nós começamos a aprender a viver sem ela. E quando eu digo a escola, eu englobo todo mundo (gestão, coordenação, universidade, docente, ...). No jogo da hierarquia, alguém manda fazer isso ou aquilo, mas em educação não é questão de alguém mandar. Você tem que ter cabeça para saber o que é certo e deve ser feito. Quando isso estiver enraizado na prática, a educação vai funcionar melhor.

**Josilene Pereira: Identificar e atender são um desafio ainda hoje, professora Zenita?**

**Zenita Guenther:** O talento não é problema para se identificar, porque você vê, percebe o que as crianças fazem. Mas nós somos ambiciosos, pois queremos identificar a capacidade. A capacidade é aquela fonte que você não vê antes de haver alguma expressão. Ora, quando a criança for produzir, lá com 20 anos, não estamos mais lá para ajudá-la, então, tem que haver maneiras de sondar sua presença mais cedo. Eu gosto de falar a palavra sondar, porque a nossa apreciação do que a criança é capaz tem que se respaldar nos sinais, nas pistas, nos indicadores, se quiserem usar um termo mais comum no nosso meio. Eu custei a descobrir isso, vocês nem imaginam, fiz longa pesquisa que nem saiu para publicar porque não deu tempo, o problema é que se percebe a capacidade em mistura com a linguagem. Ah! Eu estou lá estudando a inteligência dos meninos, feliz da vida, e de repente caio para traz: como é que a média de quatro anos pode ser maior do que a média de cinco? Ou seja, como é que uma criança pode ficar menos inteligente? (risos). Não tem jeito, apaga tudo que nós sabemos. Custei, mas achei. É a linguagem. A criança que fala bem, explica bem, você acha que ela é mais inteligente, e aí é que está o problema. Então, quando eu consegui separar, a inteligência estava igual, mas o que modificou foi a linguagem, porque é lógico, a linguagem da criança de quatro anos é mais fraquinha, já a de cinco, é melhor. Dessa forma, nós conseguimos entender melhor onde é que os testes misturam essas variações. Os testes são muito verbais. Nossa conversa com a criança é muito verbal. Nós somos acostumados a pensar por palavras. Viram, outro dia, quando passou na TV a história da Temple Grandin? Aquela menina, que coisa extraordinária, quando ela falou como descobriu que as pessoas pensam por palavras! Demora muito. Demora muito, mesmo. Ela via pensar como se fosse um filme. Olha que inteligência para ela descobrir isso, é mesmo extraordinária essa mulher! A professora ensina a mesma coisa todo dia e a criança está suada de saber aquilo e ela continua a ensinar. Essa é a impressão que eu tenho e essa impressão eu também tive na faculdade. É a mesma coisa todo dia. A minha ideia segue um pouquinho esse pensamento do Ivan Illich em que a escola é para conviver, como um centro de convivência, não para aprender.

**Fabiana Koga: Professora Zenita, a senhora sonhava chegar aonde chegou? Superou as suas expectativas? Valeu a pena?**

**Zenita Guenther:** Valeu a pena, mas foi muito mais do que eu pensei que podia fazer. É por isso que eu acho que vale a pena começar. Quando eu me aposentei da UFMG foi por um fenômeno de estrangulação universitária. Mas aposentar foi a melhor coisa que eu fiz, me deu dinheiro no banco todo mês, e aí eu pude estudar o que eu queria. Se você olhar a minha vida, tudo que eu fiz de sério, e que valeu a pena fazer, foi depois da aposentadoria. Quando fiquei na universidade, eu dava as aulas, ia às reuniões, mas nada acontecia. Eu estava muito estrangulada, tinha mesmo que dar um jeito. Aí eu vim aqui para Lavras, porque a minha mãe tinha morrido e eu tive de cuidar da minha irmã que era doente. O Rotary Clube fez uma homenagem para mim e para a minha irmã, porque nós fundamos a APAE de Lavras. Eu, no discurso, no dia da homenagem, falei a eles que sentia imensamente porque nós ainda não tínhamos alcançado as crianças que estão no outro lado da curva, como dona Helena falava. Dona Helena, quando morreu, recomendou as crianças dotadas para mim. Ela me disse que estava tudo vago, e infelizmente ainda continua vago. Passaram uns tempos e uma pessoa do Rotary veio à minha casa e me perguntou: “O que é preciso fazer? E aí veio o CEDET eu não tinha pensado muito não, não tinha um plano. Procurar as crianças na escola foi o primeiro passo, e as procuramos nas listas das escolas, coletei uns dados sobre o que valia a pena saber e fomos nas escolas fazer uma conversa com professores. Assim localizamos 300 crianças em menos de 2 meses. Eu pensava que o CEDET fosse uma coisa pequena para eu ir à tarde, nas minhas horas de folga, conversar um pouquinho com os professores, mas o CEDET cresceu acima da minha expectativa, muito, não só era bom o trabalho, como as crianças

gostavam, os professores também, e a comunidade ficou ainda mais entusiasmada. Poços de Caldas também começou assim mais ou menos na onda da escola, Assis começou um pouquinho depois, as pessoas começaram a falar que essa ideia valia a pena. Evidentemente não é uma ideia fácil, tem que envolver a comunidade, se não houver o envolvimento da comunidade, a criança fica tendo aulas, o que não adianta. Tem que colocar a criança no processo, porque não é só mandar a criança fazer, como se diz “dar atividades”. Ela obedece, mas vários professores não se ajustam bem com esse tipo de abordagem. Enfim, para mim, eu esperava que fosse só uma ocupação leve de aposentada, e acabou sendo muito mais. Comecei a estudar, escrever e publicar. Um editor, então, me ligou em casa e me pediu para escrever um livro para professores. Naquele momento, quando se chega a um ponto de alguém procurar você, e dizer que você pode escrever sobre o que você quer, e perguntar sobre o que você tem a dizer, é sinal de que já bateu em algum lugar longe do seu dia a dia, do seu mundo local.

### **Josilene Pereira: E o que recomenda para nós, educadores?**

**Zenita Guenther:** A Dona Helena dizia sempre: "Tem muito o que fazer". Há trabalho. Nunca faltou. Várias pessoas me procuram querendo que eu avalie a criança, para saber se é "superdotado". Ora, não adianta avaliar a criança, ou não avaliar, adianta é a sequência da educação. Mas o que eu, o que nós podemos fazer, mesmo que seja pouco, é incentivar outras pessoas a pensarem no objetivo maior, que é a sequência da educação. Se nós todos caminharmos na mesma direção, será bom, será um time. Os objetivos menores têm que ser largados para trás, porque eles vão ficar mesmo, querendo ou não.

### **Fabiana Koga: Professora Zenita, que recado pode deixar para nós que estamos começando a estudar a área da dotação e do talento....**

**Zenita Guenther:** Em primeiro lugar e mais importante, definir quem é o seu educando? Eu costumo definir. O meu educando é quem está sentado na minha frente. É essa pessoa que você tem de conhecer, seja aluno de doutorado seja uma criança do jardim da infância. Conhecer a pessoa nos dá um pouco dessa humildade de ver o que ela faz, como ela se posiciona, como ela resolve seus problemas, que problemas ela tem para resolver, onde ela procura ajuda, como ela sabe que precisa de ajuda, que tipo de ajuda ela quer, e recebe, e vamos pensar nessa pessoa que está sentado na sua frente. Veja o que você pode fazer por ela. Em segundo lugar, não parem de estudar. Tudo que você puder ler, leia. Se vale a pena, leia. Leia com atenção. E não importa reler livros que já tenha lido. Eu tive que reler outra vez a Terceira Onda, e como é interessante. É a Terceira Onda da civilização, muito atual até. Então eu penso que vocês devem continuar estudando, mas não estudar para se formar, não, ou porque vai fazer uma prova. Eu gosto de ler e eu tenho alegria quando eu pego um livrinho bom, vou lendo e ao mesmo tempo você continua a estudar, fica em dia com que os outros estão fazendo e pensando. Conheça os outros, conheça você. Não tem outro segredo.

## **SOBRE AS ENTREVISTADORAS**

### **Rosemeire de Araújo Rangni**

É Doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (2012) e mestre em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo (2005). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Guarulhos (2002), graduação em Direito - Faculdades Integradas de Guarulhos (1982). Atualmente é Professora Associada da Universidade Federal de São Carlos. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial. É líder do Grupo de Pesquisa para o Desenvolvimento do Potencial Humano (GRUPOH-UFSCar) e vice-líder do Grupo de Pesquisa Excelência, Sustentabilidade e Inovação Social: Engenharia das Organizações Criativas e Soluções Tecnológicas Educacionais (UNIRIO). Coordenadora do Laboratório de Pesquisa de Altas Habilidades (LAPAH). Membro da Red Internacional de Investigación, Intervención y Evaluación en Altas Capacidades Intelectuales (REINEVA), Membro do Grupo Interdisciplinar de Educação e Inclusão (GIEI - UNIRIO) e Membro da Comissão Técnica do Conselho Brasileiro para Superdotação (ConBraSD).

### **Josilene Domingues Santos Pereira**

É Doutoranda em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2006). Graduiu-se em Licenciatura em Letras Modernas (2000) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). É professora do Instituto Federal da Bahia- *campus* Vitória da Conquista e Pós-Graduada em Alfabetização (2002), em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2015), em Atendimento Educacional Especializado e Educação Especial (2017). Coordenou o Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) no IFBA e também coordenou o Núcleo de Atendimento à Pessoa com Necessidades Específicas (NAPNE). É membro do Grupo de Pesquisa para o Desenvolvimento do Potencial Humano (GRUPOH), vinculado à Universidade Federal de São Carlos.

### **Fabiana Oliveira Koga**

É doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia e Ciências, *campus* de Marília (2019). Mestre em Educação pela mesma Universidade (2015). Graduiu-se em Instrumento Piano (2006) e em Educação Musical pela Universidade do Sagrado Coração em São Paulo (2016). Atualmente é professora da Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista (FAIP). Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica pela Faculdade Paulista (2013). É autora do livro *Precocidade e Superdotação Musical* e autora, com o apoio da FAPESP, do Protocolo para *Screening* de Habilidades Musicais – PSHM. É membro do Grupo de Pesquisa para o Desenvolvimento do Potencial Humano (GRUPOH), vinculado à Universidade Federal de São Carlos.

*Recebido em: 10 de dezembro de 2020.*

*Aprovado em: 05 de janeiro de 2021.*